

TE 499
Alípio Cesar
Renato Saudino

BR.TBES.C.586
7

Alípio César e Renato Saudino, autor e diretor de **Da Cooperativa ao Crime organizado**, recusando o rótulo fácil do besteiro, que seria atender a um modismo bastante difundido, decidiram assumir a comédia às últimas consequências, fazendo rir e, talvez, pensar

O pensamento do autor

Você está confiando no sucesso da montagem de sua nova peça?

Alípio Cesar — Prever o sucesso é uma coisa muito complicada. Mas vamos dizer que estamos fazendo todo o empenho para que **Da Cooperativa ao Crime Organizado** seja um espetáculo que justifique e compense a ida do público ao teatro.

— O estilo, ao que parece, é o mesmo de 'Diga 33', sua primeira peça, apresentada no ano passado... o ritmo do teatro de revista...

Alípio — Sim. E com todos os ingredientes da fórmula: figurino bem trabalhado, escadas com luzes, música composta, coreografia para atores, humor borbulhante, cenas de platéia. Enfim, toda uma proposta de divertir as pessoas.

— E quanto aos Concursos de Dramaturgia, o que você pensa deles?

Alípio — Já fui premiado em dois deles. O primeiro foi ótimo, devido ao debate que Caique Botkay — então representante do Inacen no Concurso — realizou. O segundo, em 1985, foi péssimo porque alguns jurados faltaram e a representante do Inacen se limitou a avaliar os textos e fazer turismo às custas das artes cênicas. Hoje, ser premiado para mim significa um bom diretor escolher um texto meu e a montagem conseguir tocar a platéia.

— Você tem algum texto engavetado?

Alípio — Felizmente não! Os que fiz nesse verão estão todos sendo ensaiados ou prometidos. Estamos estreado **Da Cooperativa ao Crime Organizado**. O esquete **Falhaste Coração** foi feito a pedido de José Luiz Gobbi e será apresentado no restaurante Terra Viva. Mais para o final do ano, Margareth Taquetti mostrará **O Mais Belo Suicídio**, comédia em três movimentos sobre a trajetória da mulher desde a angústia por existir até quando assume o trono do universo.

— O teatro capixaba merece crédito? Você acredita nele?



Alípio: ingredientes da revista

Alípio — Eu acredito numa proposta de trabalho, no empenho de alguns grupos e no talento inegável de algumas pessoas que fazem teatro em Vitória. Agora, de uma forma genérica, não posso nem acreditar no teatro feito no Rio e em São Paulo, que tem mostrado algumas peças injustificáveis. Mesmo no exterior, de vez em quando, surge um **Oh! Calcutá**, que sempre foi ruim em qualquer lugar onde se apresentou. Simplesmente porque é injustificável. Um sucesso sim. Mas injustificável.

— O que você tem visto fora daqui que possa ser citado como bom teatro?

Alípio — **Casa de Orates**, uma deliciosa farsa que satiriza o culto ao corpo. **O Tempo e os Con-**

ways, espetáculo belo e denso, que não fez carreira. Um **Orgasmo Adulto Escapa do Zoológico**, pela força da atriz Denise Stoklos, e **Máscara**, por tudo.

— E Piaf?

Alípio — **Piaf** é uma brincadeira de Pam Gems que deu certo provavelmente porque sempre foi encenado por boas atrizes. E inegavelmente porque suas músicas são espetaculares. Mas quanto ao texto, o que se nota é uma sucessão de personagens mal-resolvidos, uma trama desmazelada e principalmente o medo da autora de encarar o drama — que na peça foi substituído por puro cinismo. Eu pergunto se é possível escrever sobre Piaf ou Dalva de Oliveira sem chafurdar no drama. Decididamente a peça **Piaf** não foi a homenagem que a cantora merecia.

— Quais são seus planos para as próximas temporadas?

Alípio — Continuar arranjando tempo para escrever. Nunca estimular nenhum talento local a "vencer lá fora" e principalmente não depender, como produtor de peças, de empresas que não estão nem aí para as manifestações culturais da cidade.

— E sobre suas esperanças em relação ao teatro?

Alípio — Aguardar a votação da lei que vai regulamentar a dedução do Imposto de Renda a quem investir na cultura.

— O que mais o gratificaria como autor?

Alípio — Algum dia em que entrasse numa loja ou magazine e ouvisse uma balconista dizer que ao sair dali iria ver um espetáculo meu. Isto deve ter acontecido com **Diga 33**, mas, infelizmente, eu não estava presente. Quero esclarecer que, por balconista, eu entendo todas as pessoas que me inspiram para compor as personagens dos meus textos. Digamos que elas escrevem o texto que eu psicografo. E para elas, todas as glórias.

A visão do diretor

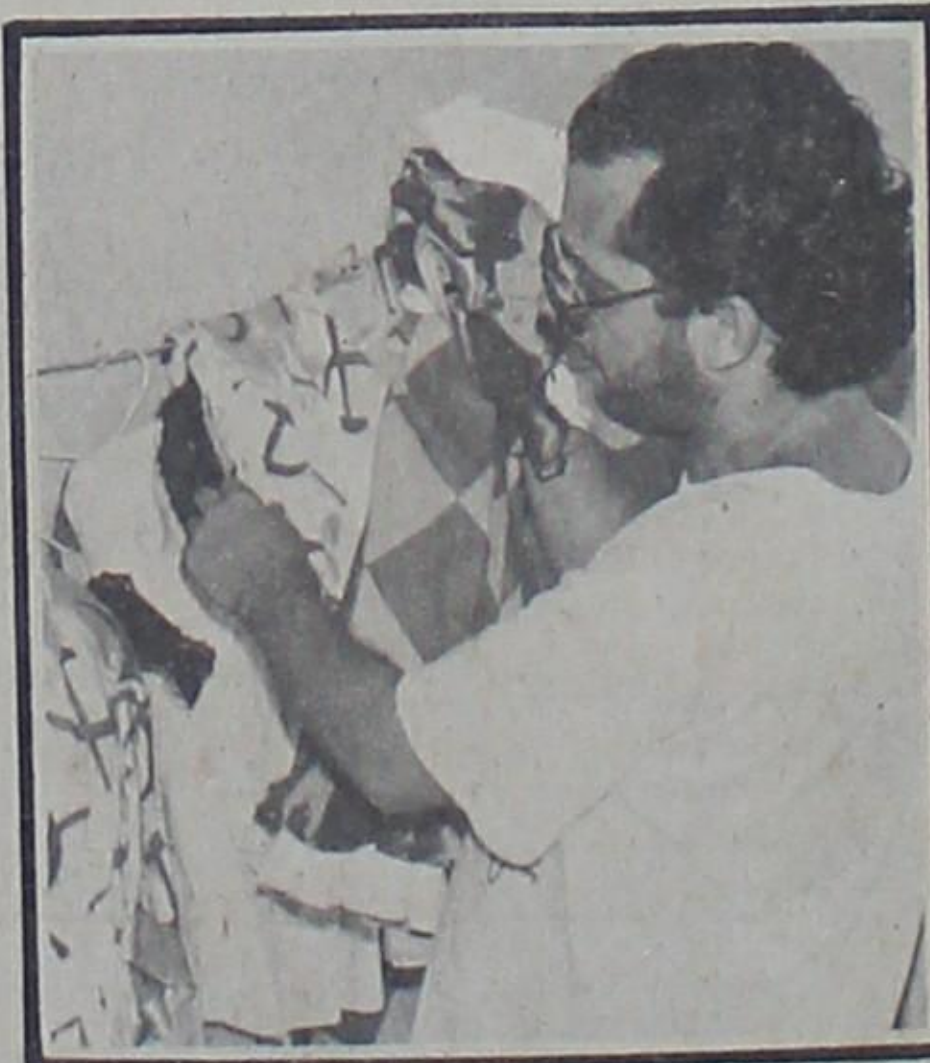
Qual é sua visão sobre a peça "Da Cooperativa ao Crime Organizado"?

Renato Saudino — É a história de uma pobre moça do alto de Caratoira que se deixa levar pelo papo de um comunista e abandona a família pelo socialismo. Depois, descobre que o socialismo não era o melhor caminho. Como havia se casado com o comunista, agora eles resolvem fundar uma cooperativa, imbuídos do sentido de atender ao povo. Só que o povo está consumista, interessado em outras coisas. E eles começam a modificar os princípios iniciais da sua proposta e aí vão seguindo seu caminho; juntos até certo ponto...

— O que você pretende com o espetáculo? Seria a mesma linha de "Diga 33" ou existe alguma busca nova na linguagem cênica?

Renato — A linha de **Diga 33** foi uma coisa diferente de fazer, embora goste muito de assistir: a comédia, a chanchada, a revista... Com **33**, de repente, deu certo. Eu nunca tinha feito. Com esta, a partir do texto, deu mais chance ainda. A loucura é maior, a comédia é maior, a história é mais redonda (tem começo, meio e fim), embora desta vez o autor tenha sido mais piedoso com os personagens. Mas a nível de linguagem é a mesma de **Diga 33**. Não é da revista propriamente dita. Ainda faltam alguns ingredientes para o que eu considero uma revista. Mas é uma linguagem de comédia musicada, próxima da revista. Eu tento colocar em cima do texto que está escrito, o máximo do estilo da revista: abertura, cacôs, gags, citações, etc... Nessa linha, pretendemos continuar. Alípio já está escrevendo outra. Só que agora será de época, nos anos cinquenta.

— Observando sua carreira a gente nota que



Saudino: besteiro é intelectual

você experimenta o drama e a comédia com uma frequência regular. No entanto, a comédia parece ter uma resposta mais considerável do público. Você se sente mais à vontade fazendo comédia?

— **Renato** — Como ator eu prefiro mais a comédia...

— E como diretor?

— **Renato** — Como diretor?... São duas coisas que não se relacionam muito. O drama, ou a peça séria, se fecha mais. A comédia, ao contrário, se abre para a interpretação, para cenário,

para figurino, para coreografia. São duas coisas que vão juntas. Eu, como ator e como diretor, prefiro a comédia, embora goste muito de fazer drama.

— Em relação ao público capixaba: será que também aqui a tendência é preferir, de um modo geral, a comédia?

Renato — Sim, principalmente agora com a "Nova República", o espírito é de comédia. No período da censura (não acho que tenha impedido a gente de fazer tanta coisa como dizem por aí) nós nos habituamos a fazer uma comédia dentro de um processo que se tornou chato... O drama, então, aplicava-se mais à situação, como foi o **III Reich**, **Bernarda Alba**...

— A gente nota que em outros lugares peças que não são comédias também fazem sucesso, independente dos nomes globais no elenco. Aqui, só comédia parece fazer sucesso. Como pode ser explicado isso?

— **Renato** — Eu acho que Vitória está mais para comédia...

— E o besteiro? Qual seria a diferença entre o besteiro e a sátira?

Renato — A sátira é uma coisa bem mais popular, mais fácil de ser entendida. O besteiro já é para um público mais intelectualizado, um humor mais dirigido para um público especial. As montagens de besteiro vão em cima da comédia, usam os truques da chanchada, da revista. Mas o texto é para um público intelectualizado. Há citações de cinema, de rádio, de livros... Quando são usadas citações de óperas, por exemplo, não podem ser para qualquer pessoa...